

CORES E TERRITORIALIDADES CARIOCAS: UM ESTUDO DE IMAGENS GEOLOCALIZADAS NO TWITTER

Tasso Gasparini de Souza
Mestrando do curso de Pós-graduação
em Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: tassogasparini@gmail.com

Orientador: Prof. Fábio Goveia
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: fabiogv@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisou um conjunto de 162.350 imagens geolocalizadas da cidade do Rio de Janeiro publicadas no site de rede social Twitter, no período entre 19 e 27 de setembro de 2017. Partindo de teóricos que estudam imagem, internet e territorialidades, pretende-se analisar como essas imagens revelam uma experiência do território carioca. Para isso foi realizada uma análise cromática das imagens, dispostas em uma visualização do tipo ImageCloud. Entre as considerações finais foi possível perceber que as fotografias são o tipo de imagem com maior presença no conjunto, e que a figura humana é o principal tema retratado nas imagens.

Palavras-chave: Imagem; Geolocalização; Cidade; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa¹ buscou investigar a produção de imagens no Twitter realizada a partir da cidade do Rio de Janeiro e compreender o que esse conjunto imagético compõe sobre o território carioca. Para isso foi coletado um volume de 162.350 imagens publicadas utilizando algum tipo de recurso de geolocalização relacionado à capital do estado do Rio de Janeiro. Para pensar a espacialidade da cidade, decidimos por trabalhar o conceito de território a partir de Claude Raffestin (1993), Rogério Haesbaert (2006) e Marco Aurélio Saquet (2015). Os autores defendem que território seria constituído a partir de uma apropriação do espaço, realizado por um indivíduo ou grupo. Essa apropriação pode ser física ou simbólica, o que significa que imagens também podem ser consideradas uma forma de territorializar um espaço, visto que elas registram uma visão desejada do espaço. Enquanto cidade, o Rio de Janeiro é ao mesmo tempo um grande território e um conjunto de territórios, e que são vividos por diversas formas por cada pessoa. Essas diversas formas com que cada indivíduo vivencia um dado território são chamadas de territorialidades.

¹ O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, financiada por meio de bolsa de mestrado da Capes

O processo de pesquisa foi realizado dentro dos preceitos do *flâneur* de Benjamin (1994; 1999), de vagar em meio aos dados em busca do que eles poderiam revelar. Uma das desvantagens dessa abordagem adotada é justamente a superficialidade com que os assuntos podem ser tratados. Algumas questões encontradas no trabalho merecem ser estudadas enquanto objeto principal em outros trabalhos, para um enfoque mais profundo de seu papel na imagem carioca que circula na internet.

A pesquisa também auxilia na conservação de imagens que, circulando em ambientes digitais, fazem parte de fluxos altamente efêmeros, podendo ser apagadas a qualquer momento. Belting (2001) coloca a produção pictórica em massa como uma ameaça às culturas. Para ele, o esmaecimento da memória coletiva é acelerado pela acumulação excessiva de materiais nos meios técnicos. O próprio Twitter é local de produção dessa memória coletiva, através dos conteúdos compartilhados pelos seus usuários. Conteúdo, tudo isso está atrelado ao site, que pode ser desligado, vendido ou ficar obsoleto e cair em desuso. É preciso resgatar a cultura que ali circula para que seja estudada para além do site. Nesse sentido, o ato de coletar as imagens e coloca-las em visualizações faz com que elas ganhem autonomia e um outro propósito.

Mesmo que o Twitter venha a deixar de existir, essas imagens estão salvas, como um retrato dos pensamentos, sentimentos e usos daqueles usuários em relação à cidade do Rio de Janeiro. Imagens que antes faziam sentido apenas para alguns usuários, sendo vistas como imagens- resto, recuperam sua força através do olhar do pesquisador e pela recombinação coletiva.

DESENVOLVIMENTO

A coleta das imagens foi realizada utilizando o script Ford, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). O Ford é um *wrapper*, um programa que funciona como um compilado de scripts menores, que podem ser utilizados a partir de uma única interface. O Ford foi desenvolvido na linguagem de programação Python. Foram coletadas as publicações realizadas entre os dias 19 e 27 de setembro de 2017, que contivessem informações de geolocalização referentes à cidade do Rio de Janeiro. Após essa coleta, foram filtradas apenas as publicações que contivesse links para arquivos de mídia (imagens ou vídeos), e realizada a coleta desses arquivos.

É preciso ressaltar que o método de coleta das imagens, acaba por excluir alguns perfis relevantes na produção midiática da cidade do Rio de Janeiro, mas que não utilizavam nenhum tipo de geolocalização na época. É o caso dos perfis de portais e veículos jornalísticos, e do próprio

perfil oficial do prefeito carioca, Marcelo Crivella, por exemplo. Também há de se reconhecer desde já que uma grande desvantagem dessa abordagem é que algumas das temáticas encontradas dentro do objeto de pesquisa (a cidade do Rio de Janeiro) possam ficar pouco exploradas. Isso é um fato, visto que nenhum caminho metodológico conseguirá dar conta de todas as nuances possíveis de seu objeto. Porém também é preciso considerar que certos achados e reflexões só foram devido ao método usado. Essa pesquisa é uma tentativa de fazer uma amostragem do caos, o que “significa, ao mesmo tempo, reconhecer a *dispersão* do mundo e comprometer-se, apesar de tudo, em realizar a sua *compilação*” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 148).

Para a análise das imagens utilizou-se o ImageCloud², um programa de computador desenvolvido pela equipe do Labic na linguagem de programação Java. A ferramenta cria visualizações de grandes volumes de imagens, a partir de um valor numérico entregue pelo usuário. O usuário entra um conjunto de arquivos de imagem e um arquivo de tabela que relacione cada imagem a um valor numérico. A visualização gerada distribui as imagens em uma forma intuitiva de observação, de acordo com o valor em ordem numérica, seguindo o parâmetro de leitura ocidental (de cima para baixo e da esquerda para a direita), de forma que não ocorre a sobreposição das imagens.

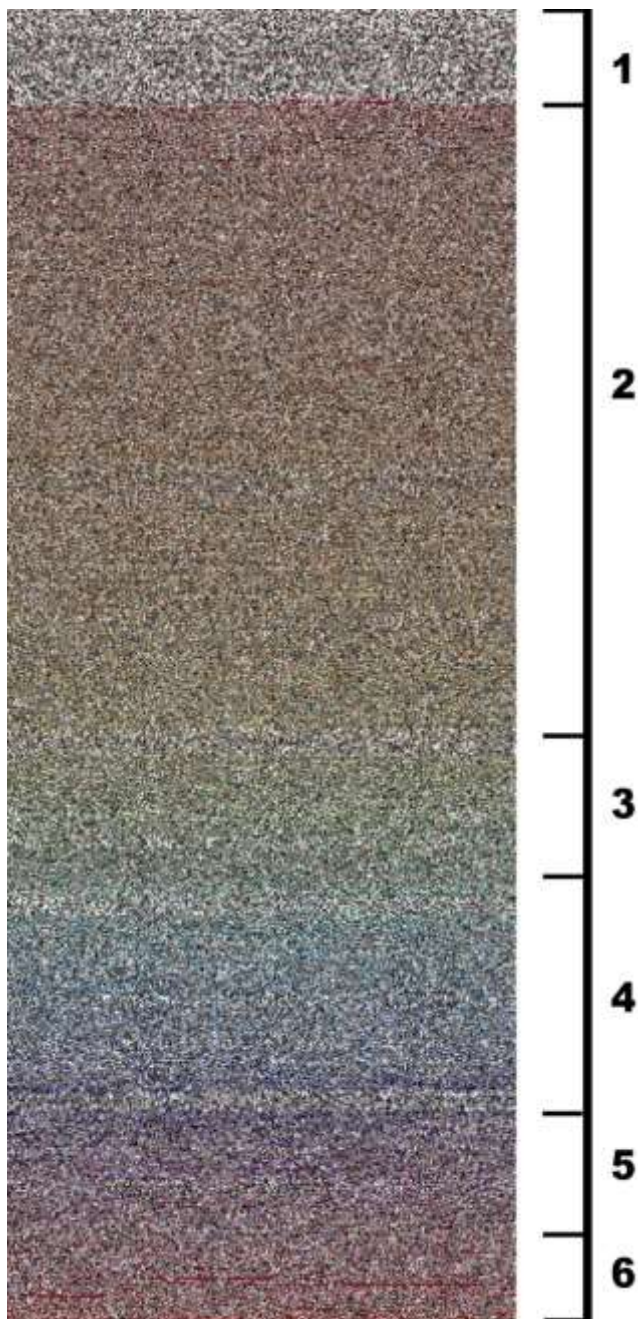
O script de análise cromática lê e atribui um valor numérico à cor de cada pixel da imagem; depois, ele calcula uma média entre esses valores, o que define a cor média da imagem. Por isso, ter um mesmo valor de cor média não significa que duas imagens são idênticas. Como dito anteriormente, as visualizações de grandes volumes de imagens são cálculos feitos sobre imagens compostas de cálculos (COUCHOT, 2003). A análise das visualizações aqui descrita é feita a partir de uma mistura entre leitura superficial e próxima (FLUSSER, 2008). Debruçar-se sobre cada imagem técnica produzida pela atual sociedade para uma leitura próxima é sem dúvidas uma tarefa de Sísifo. Por isso se faz necessária essa dupla abordagem para pensar a produção imaginal da cidade.

RESULTADOS

A visualização aqui analisada é um ImageCloud, em que as imagens são organizadas lado a lado pelo valor de sua cor média, no sentido de leitura ocidental. Isso permite que seja observado o conjunto inteiro sem que ocorra sobreposições de imagens. À primeira vista podemos dividir o conjunto em seis grandes grupos cromáticos: (1) branco; (2) alaranjado; (3) esverdeado; (4) azulado; (5) rose; e (6) rubro.

² Mais informações disponíveis em: <http://www.labic.net/cartografia/imagecloud-visualizacao-de-grandes-conjuntos-de-imagens/>. Acesso em 04 ago. 2020.

Figura 1 ImageCloud com as 162.350 imagens coletadas no período organizadas pela sua cor dominante. Ao lado direito está uma guia indicando as áreas referidas na análise.



Fonte: Twitter, com organização do autor via script ImageCloud. Versão da visualização com maior resolução disponível em:

https://www.easyzoom.com/imageaccess/cbbd62fb912c43d2b873ff2_815c0556.

Na área superior localizam-se imagens com tonalidade predominante branca. Nessa região se encontram fotografias de pessoas em preto e branco. Destacam-se aqui as imagens de textos com fundo branco, como prints de sites noticiosos. Uma característica do Twitter é limitar o tamanho máximo de suas publicações em 280 caracteres. Assim, uma estratégia para a publicação de textos maiores é publicá-los dentro de uma imagem.

A área de imagens que vai do tom alaranjado ao amarelado é a que ocupa maior parte da visualização, indicando que possui o maior número de imagens. Aqui podemos perceber uma grande quantidade de imagens de pessoas. A exposição do corpo humano constitui grande parte do conjunto total de imagens, aparecendo de várias formas, de *selfies* até os *nudes*. Os usuários utilizam as fotos publicadas para exibirem a si e aos outros, e a combinação dos tons de pele com a iluminação faz com que muitas dessas imagens tenham um predomínio de cor voltado para o laranja. A luz de tom amarelado também é a mais comum em residências, o que indica um caráter de

intimidade nessas imagens. Esse tipo de imagem se insere num contexto de exposição online, uma intimidade performática que busca agradar o olhar do outro (SIBILIA, 2016). Em um certo sentido, o usuário quebra as paredes do privado e se coloca como parte da cidade.

A região composta por imagens de tonalidade verde é talvez a que contenha a maior variedade de tipos imagéticos. Pode-se destacar fotografias que retratam partidas de futebol, marcadas pela grande área ocupada pelo gramado, que dá a tonalidade verde à imagem. Também se encontram ali vários prints de conversas do WhatsApp. Os prints, de diferentes tipos, constituem grande parte do material coletado. Os provenientes de conversas do WhatsApp possuem essa coloração devido às cores padrão da janela e do plano de fundo do mensageiro.

Na área de predominância azulada ficam os prints de conversas do Facebook Messenger e do próprio aplicativo do Twitter no Modo Noturno, que deixa o aplicativo de rede social com o fundo azul-escuro. Ao passo que os prints do Messenger possuem matiz mais clara, devido à maior presença de branco no design do aplicativo, os prints do Twitter são mais escuros. Fazendo a transição entre o tom azul e o violeta, encontram-se grande parte das fotografias realizadas no Rock In Rio. Devido à iluminação do palco e o escuro do céu noturno, as imagens que retratam os shows do palco principal ganham essa cor característica. Também aparecem aqui registros de apresentações musicais televisivas sem relação ao festival, porém que possuem uma tonalidade similar na iluminação.

Na região com matiz vermelha, destacam-se imagens com as cores e símbolos do Clube de Regatas do Flamengo. O time é popularmente conhecido como “a maior torcida do Brasil” e segundo pesquisa do Datafolha (2019), um a cada cinco brasileiros torcia para o time rubro-negro em 2019. Ele é o time que mais é visualmente referenciado nas imagens. De certa forma, a própria identidade da torcida parece evocar a identidade carioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio de Janeiro retratado no conjunto de imagens analisado é, primeiramente, uma cidade viva. As pessoas fazem parte da imagem da cidade e são o assunto de grande delas. Mas isso também é o sintoma de uma sociedade narcisista em que a vida se faz espetáculo a ser

publicado e compartilhado online:

Esse fascínio suscitado pelo exibicionismo e pelo voyeurismo encontra terreno fértil numa sociedade atomizada por um individualismo com beiradas narcisistas que precisa *ver* sua bela imagem refletida no olhar alheio para *ser*. E quanto maior for a quantidade de admiradores que *nos* aplaudem e curtem, melhor servirão para sustentar a tão cultuada autoestima (SIBILIA, 2016, p. 342, grifos do original).

Há de se destacar a forte presença da Fotografia no conjunto, mesmo frente à outros tipos de imagens, como a ilustração digital e o cartaz textual. Por ser um site de rede social voltado a publicações rápidas e de vida momentânea, o Twitter não é a plataforma mais adequada para ocupar a função de um álbum fotográfico virtual. No modelo da *timeline*, as imagens são pensadas para fluírem, serem publicadas com vida curta. Outras plataformas voltadas à atividade fotográfica oferecem melhores opções de visualização e curadoria de imagens, como o Instagram e o Flickr. A não ser que o usuário se lembre do texto publicado junto à imagem, o que permite encontrá-la por meio da pesquisa textual, é preciso abrir o perfil (próprio ou de terceiros) e ir passando por todas as imagens publicadas, uma a uma. Portanto, há de se supor que as fotografias aqui atuem mais na função de comprovar a experiência vivida perante os seguidores. Quando algo está registrado na foto há o pressuposto de que aquilo existiu, aconteceu (SONTAG, 2012). Mesmo numa época em que as imagens podem ser facilmente re combinadas e modificadas, essa crença no estatuto de verdade da Fotografia parece continuar presente.

Mesmo em meio às possibilidades de modularidade das imagens numéricas (COUCHOT, 2003), a fotografia ainda parece ocupar uma função de preservação da memória e da verdade. Mas se uma foto é facilmente editável e manipulável, parece contraditório que ainda seja considerada fidedigna por padrão. Talvez a resposta esteja na superficialidade através da qual as imagens técnicas são vistas, que não percebe que elas são compostas por pontos computados (FLUSSER, 2008). As fotografias ainda são pensadas pela lógica das imagens tradicionais, pois são vistas apenas superficialmente, o que esconde sua natureza de pontos e cálculos. "A visão próxima, 'profunda', revela banalidade. É a visão superficial que é a aventureira" (FLUSSER, 2008, p. 42). O olhar profundo não combina com a natureza efêmera que as imagens têm no contexto de abundância e constante produção dos sites de redes sociais. Tal olhar fica reservado à pesquisadores, filósofos, jornalistas, juristas, e todos aqueles que precisam lidar com as

consequências das mentiras travestidas de verdade numa fotografia. São apenas eles que se debruçam sobre as fotografias em busca de contradições, inconsistências e incoerências. E não é preciso mencionar que fazer isso com todas as imagens publicadas é uma tarefa humanamente impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**: para uma ciência da imagem. Morão, Artur (trad). Lisboa: KKYM + EAUM, 2014. 319 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

DATAFOLHA. **Time de preferência**. Folha de São Paulo, [S. l.], p. 1-36, 8 out. 2019. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/17/77975ecbd43522f8fe59b29b8f93d09atdp.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. 206p.

GORDON, Eric; DE SOUZA E SILVA, Adriana. **Net Locality**: Why Location Matters in a Networked World. Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade. Telefones, celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes / Revista do Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Ano I, n. 1, jul-dez 2007. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/Media1AndreLemos.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

_____. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In SANTAELLA, Lúcia, ARANTES, Priscila. (ed). **Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir**, São Paulo: EDUC., p. 207- 230, 2008.

_____. MÍDIAS LOCATIVAS E VIGILÂNCIA: sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: Firmino, Rodrigo; Bruno, Fernanda; Kanashiro, Marta (org.). **Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina**, Curitiba, p. 621-648. 2009. ISSN 2175-9596.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p. ISBN 85-08-04290-6.

SAQUET, Marco Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.